Paisagens, Impressões

O Semi-árido Brasileiro

Paisagens, Impressões

O Semi-árido Brasileiro

..."umbuzeiro estrelando flores"...(Euclides da Cunha), Riacho, outubro 90, BA

Anna Mariani

Paisagens, Impressões

O Semi-árido Brasileiro

textos:

Euclides da Cunha

Antonio Medina Rodrigues

Manuel Correa de Andrade

COMPANHIA DAS LETRAS

ISBN - nº 85-7164-237-0
© Anna Mariani
Diagramação Gabriel Zellmeister
Impresso no Brasil.
Janeiro, 1992
Versão para o inglês:
E. da Cunha: Samuel Putman -
The University of Chicago Press
A. M. Rodrigues: Victoria Schorr
M. C. Andrade, A. Mariani: Stuart Birkinshaw

Editora Schwarcz Ltda.
Rua Tupi, 522
01233 - São Paulo - SP
Telefone: (011) 826-1822
Fax: (011) 826-5523

apoio:

A FORÇA DO TRABALHO
GRUPO J.MACÊDO

Para
Lourenço
Gustavo
Rosa
Inácio
e Celeste

A luz crua dos dias longos flameja sobre a terra imóvel e não a anima. Reverberam as infiltrações de quartzo pelos cerros calcários, desordenadamente esparsos pelos ermos, num alvejar de banquisas; e oscilando à ponta dos ramos secos das árvores inteiriçadas, dependuram-se as tilândsias alvacentas, lembrando flocos esgarçados, de neve, dando ao conjunto o aspecto de uma paisagem glacial, de vegetação hibernante, nos gelos...

* * *

Mas no empardecer de uma tarde qualquer, de março, rápidas tardes sem crepúsculos, prestes afogadas na noite, as estrelas pela primeira vez cintilam vivamente.

Nuvens volumosas abarreiram ao longe os horizontes, recortando-os em relevos imponentes de montanhas negras.

Sobem vagarosamente; incham, bolhando em lentos e desmesurados rebojos, na altura; enquanto os ventos tumultuam nos plainos, sacudindo e retorcendo as galhadas.

Embruscado em minutos, o firmamento golpeia-se de relâmpagos precípites, sucessivos, sarjando fundamente a imprimadura negra da tormenta. Reboam ruidosamente as trovoadas fortes.

As bátegas de chuva tombam, grossas, espaçadamente, sobre o chão, adunando-se logo em aguaceiro diluviano...

* * *

E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto.

Sobre o solo, que as amarílis atapetam, ressurge triunfalmente a flora tropical.

É uma mutação de apoteose.

Euclides da Cunha, Os Sertões

entre Batalha e Belo Monte, abril 91, AL

região de Monte Alegre, abril 91, SE

açude M. Marcionilo, Taperoá, julho 90, PB

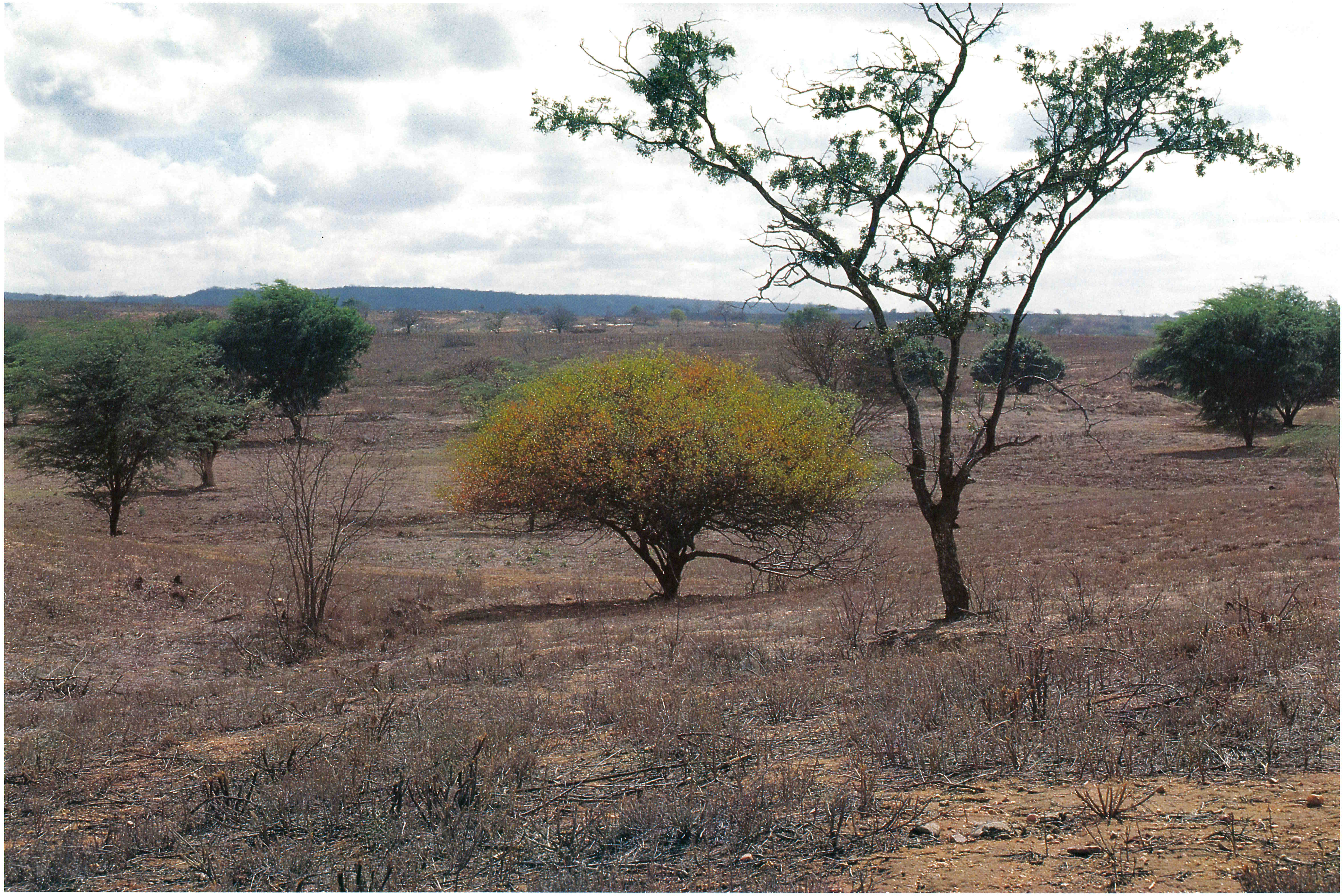
serra do Teixeira, julho 90, PB

região de Riacho, outubro 90, BA

umbuzeiro, região de Taperoá, julho 90, PB

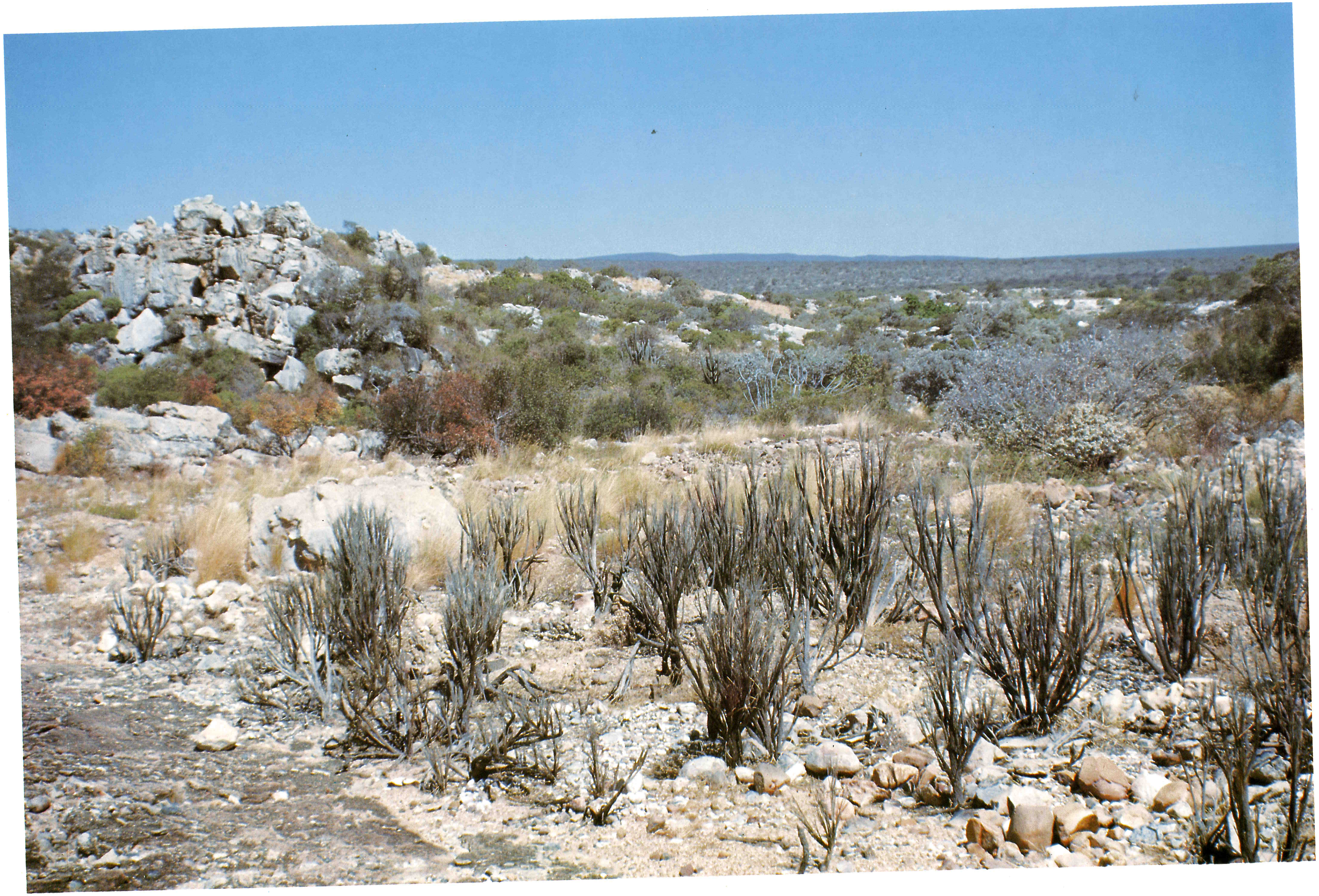
região de Desterro, julho 90, PB

facheiros, Carnaíba do Sertão, agosto 86, BA



região de Taperoá, julho 90, PB

umbuzeiro, região de Taperoá, julho 90, PB



serra de Santo Inácio, julho 74, BA

serra de Santo Inácio, julho 74, BA

região de Santa Brígida, outubro 90, BA

caatinga, região de Uauá, agosto 86

umburana, Canudos, outubro 90, BA

umburana, Canudos, outubro 90, BA

paineira, serra do Teixeira, julho 90, PB

serra do Aimoré. Jaguaribara, março 91, CE

serra do Aimoré, Jaguaribara, março 91, CE

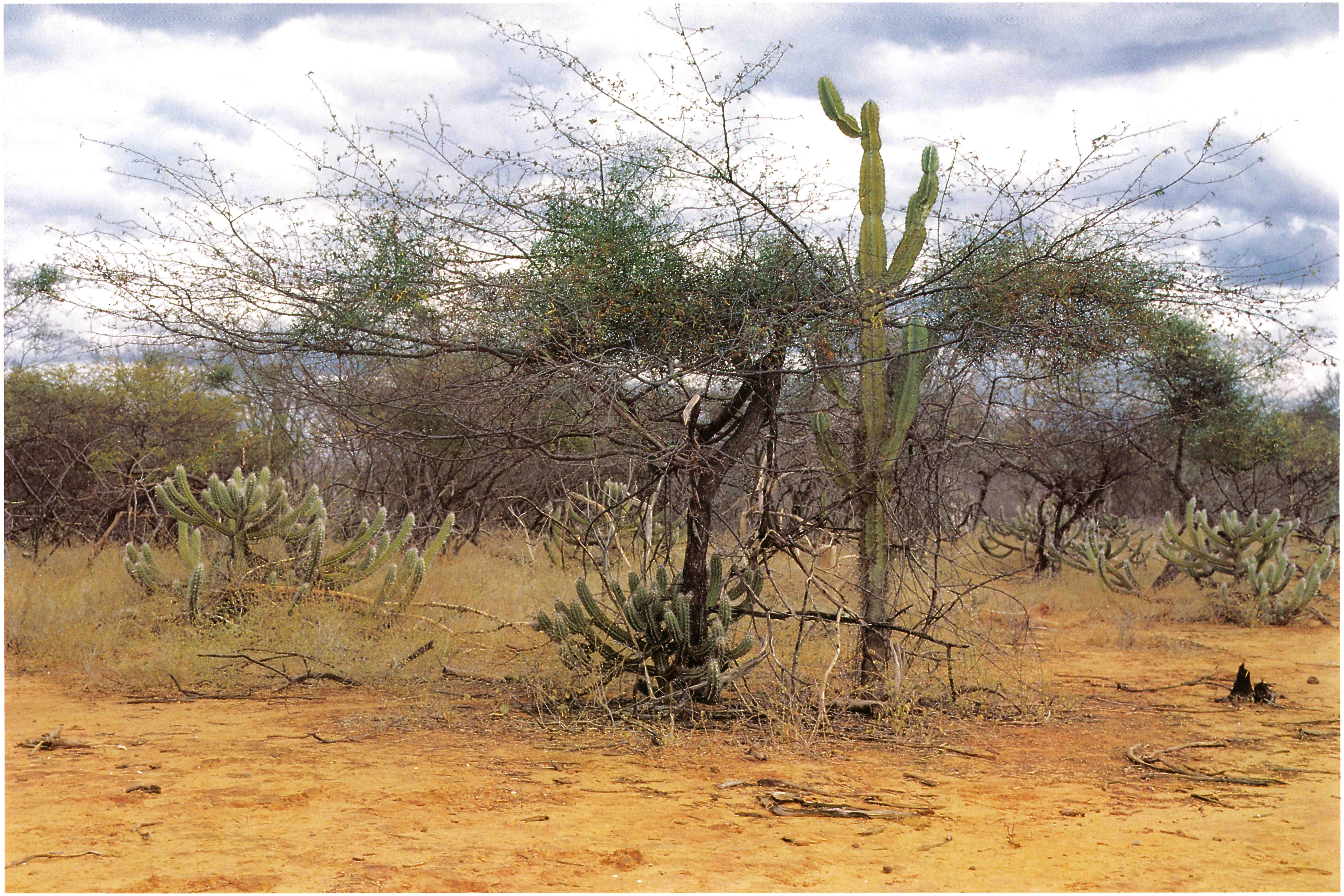
região de Jaguaribara, março 91, CE

serra do Encaibro, agosto 86, BA

açude Cocorobó, janeiro 91, BA

caatinga, Canto do Rio Verde, agosto 86, BA

caatinga. Canto do Rio Verde, agosto 86, BA



caatinga, Canto do Rio Verde, agosto 86, BA

região de Monte Santo, janeiro 91, BA

região de Queimadas, outubro 90, BA

região de Ibotirama, agosto 86, BA

região de Queimadas, outubro 90, BA

umbuzeiro e xique-xique, Patamuté, janeiro 91, BA

chuva e inselberg, Quixadá, março 91, CE

açude do Cedro, Quixadá, março 91, CE

região de Caridade, março 91, CE

vale do Jaguaribe, Morada Nova, março 91, CE

vale do rio Jaguaribe, Iguatú, março 91, CE

açude Orós, março 91, CE

serra do Flamengo, Saboeiro, março 91, CE

região de Santa Brígida, abril 91, BA

vale do rio Jaguaribe, Limoeiro do Norte, março 91, CE

região de Santa Luz, outubro 90, BA

região de Desterro, julho 90, PB

região de Desterro, julho 90, PB

região de Caatinga do Moura, julho 74, BA

região de Caatinga do Moura, julho 74, BA

região de Caatinga do Moura, julho 74, BA

região de Desterro, julho 90, PB

serra de Baturité, Canindé, março 91, CE

reserva ecológica de Aiuaba, março 91, CE

caatinga, região de Uauá, janeiro 91, BA

caatinga, região de Uauá, janeiro 91, BA

região de Juacema, julho 76, BA

região de Juacema, julho 76, BA

umburana, bromélias, Monte Santo, janeiro 91, BA

região de Monte Santo, janeiro 91, BA

Sucedem-se manhãs sem par, em que o irradiar do levante incendido retinge a púrpura das eritrinas e destaca melhor, engrinaldando as umburanas de casca arroxeada, os festões multicores das bignônias. Animam-se os ares numa palpitação de asas, céleres, ruflando. —Sulcam-nos notas de clarins estranhos. Num tumultuar de desencontrados vôos passam, em bando, as pombas bravas que remigram, e rolam as turbas turbulentas das maritacas estridentes... enquanto feliz, deslembrado de mágoas, segue o campeiro pelos arrastadores, tangendo a boiada farta, e entoando a cantiga predileta...

Assim se vão os dias.

Passam-se um, dous, seis meses venturosos, derivados da exuberância da terra, até que surdamente, imperceptivelmente, num ritmo maldito, se despeguem, a pouco e pouco, e caiam, as folhas e as flores, e a seca se desenhe outra vez nas ramagens mortas das árvores decíduas...

Euclides da Cunha, Os Sertões

Quem julgue, como Heráclito, que este mundo é combate e mudança, por certo sabe que uma brisa jamais revisita a mesma planta. Teimosamente sonhamos, contudo, com as promessas da quietude. É o que mostram estas imagens. Nelas há um mundo em renascer contínuo e em que a crepitação da terra e das plantas se recolhe em forte fundo de silêncio.

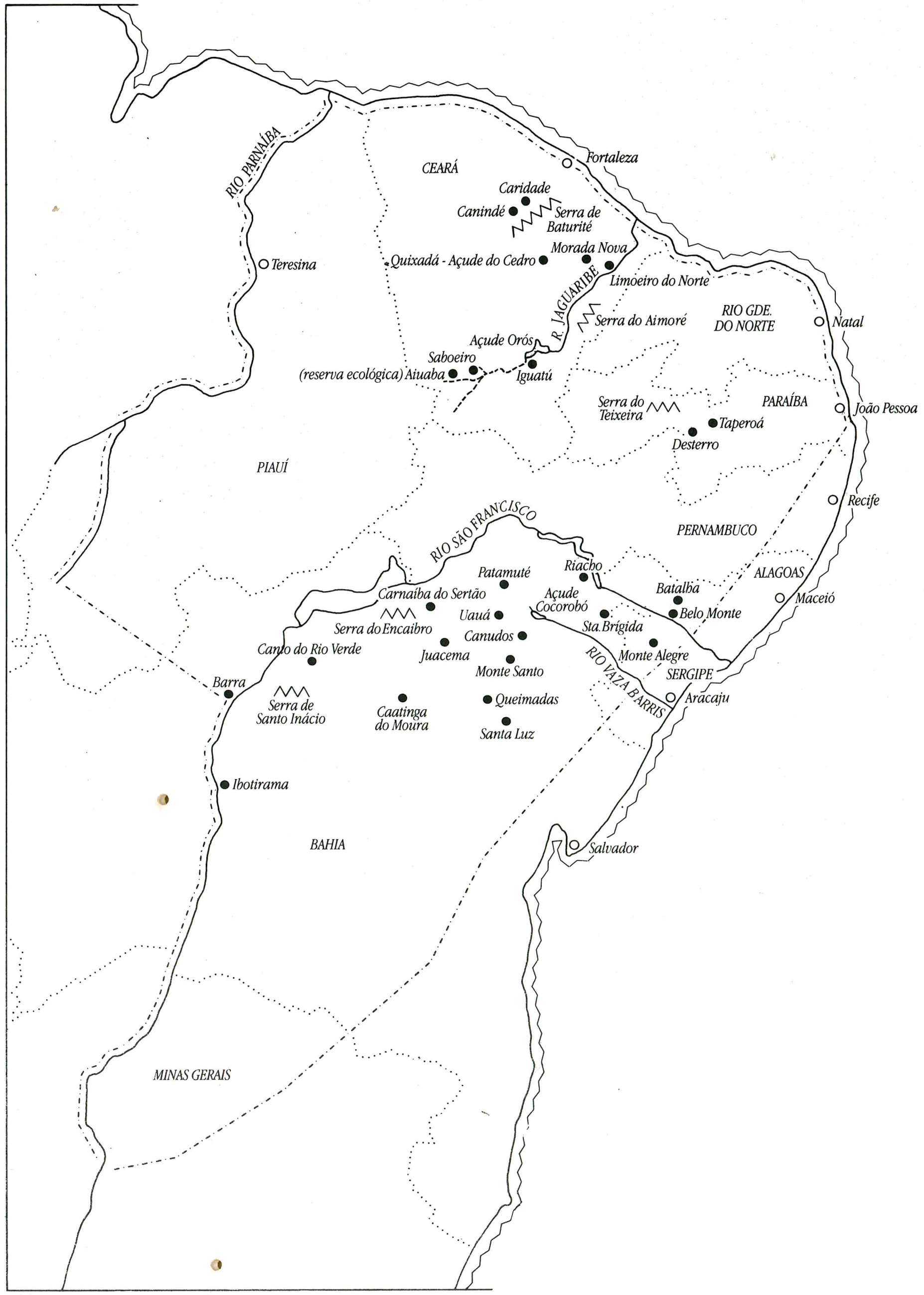
A profusão de tons, nestas paisagens, os mil rostos que se alternam entre chuva e estio, o casamento estranho do verde entre terra e céu, a sugestão de movimento próprio e contido fazem com que o olho desperte da letargia em que as surpresas do árido, muitas vezes, têm sido confinadas. São estes tons que redimem a dimensão mais particular das coisas. Eles se dispõem de maneira a que as linhas do horizonte nunca encerrem um "mundo à parte" e é por isso que chegam diretamente a nós, como que a falar-nos de nossa consangüinidade e de nosso equívoco.

Saltando por sobre os quadros secos e insulares do sertão emblemático, essas tonalidades fazem com que a conjugação das pedras com o solo ou a do crepúsculo com o verde abra a vista a um espetáculo a que não falta nem a graça nem o jogo volúvel das formas, qualidades primeiras quando se trata de flagrar um mundo em seu contínuo renascer. São textos de tonalidades que o sol e o tempo engendram contra o fundo da quietude.

Tudo se passa como se o rio das coisas se deixasse surpreender no átimo em que dialogam a câmera e a luz. E nós sentimos que estes momentos de surpresa não resultam de uma poética do raro ou de um projeto de buscar simplesmente diferenças. *Aqui não há pressuposições retóricas. Há sim uma recusa dos ângulos habituais e uma paciente submissão à cromada música destas paragens semi-áridas. Sentimos que é assim mesmo, que tudo nasce de um diálogo sem palavras a que se entrega sem temor este sertão dentro do sertão e a que Anna Mariani soube conformar a dignidade imorredoura da luz e o gesto fotográfico que faz de si mesmo suporte e passagem.*

Antonio Medina Rodrigues, São Paulo, outubro 1991

Brasil
Semi-árido
Oceano Atlântico


RIO PARNAÍBA
Teresina
CEARÁ
Fortaleza
Caridade
Canindé
Serra de Baturité
Quixadá - Açude do Cedro
Morada Nova
Limoeiro do Norte
R. JAGUARIBE
Serra do Aimoré
RIO GDE. DO NORTE
Natal
Açude Orós
Saboeiro
(reserva ecológica) Aiuaba
Iguatú
Serra do Teixeira
PARAÍBA
João Pessoa
Taperoá
Desterro
PIAUÍ
Recife
PERNAMBUCO
RIO SÃO FRANCISCO
Patamuté
Riacho
Carnaíba do Sertão
Açude Cocorobó
Batalha
ALAGOAS
Maceió
Serra do Encaibro
Uauá
Belo Monte
Sta. Brígida
Canudos
Canto do Rio Verde
Juacema
Monte Santo
Monte Alegre
SERGIPE
RIO VAZA BARRIS
Barra
Aracaju
Serra de Santo Inácio
Queimadas
Caatinga do Moura
Santa Luz
Ibotirama
BAHIA
Salvador
MINAS GERAIS

O sertão nordestino, parte significativa do território brasileiro onde predomina o clima semi-árido quente, é encarado pelos que não o conhecem como uma área castigada permanentemente pela seca e onde vive uma população carente que necessita sempre de auxílio para manter-se em nível de sobrevivência. Mas esta imagem é válida apenas para os períodos das grandes secas, que ocorrem geralmente de dez em dez anos, prolongando-se algumas vezes por dois ou três anos seguidos.

Para se compreender o sertão é preciso destacar dois aspectos: o primeiro é que ele não é uniforme, havendo grande variedade de climas e de solos, o que determina a existência de uma série de sub-regiões, onde são diferentes as formas de utilização e exploração da terra e os problemas humanos decorrentes; o segundo aspecto é a variação sazonal marcada pelos períodos de estio e chuva.

Quanto ao primeiro aspecto, Euclides da Cunha, com a sua inquietação e talento, já salientava em Os Sertões, *a existência de sertões e não do sertão. Assim, há uma grande diferença fisionômica entre as áreas de serras, de planaltos, aquelas cortadas por rios perenes - como o São Francisco, alguns dos seus afluentes e o Parnaíba - e aquelas cortadas por rios temporários, que na estação seca se transformam em verdadeiros caminhos arenosos na caatinga desfolhada. Os rios são fonte de vida e permitem a existência de uma cultura de vazante em seu leito, à proporção que as águas baixam com a estiagem.*

As serras expostas aos ventos alísios que vêm do Atlântico trazendo umidade, são beneficiadas pelo orvalho e por chuvas orográficas que permitem o desenvolvimento de uma vegetação florestal semelhante à Mata Atlântica e à Floresta Amazônica. Antes que o homem devastasse impiedosamente estas matas, a floresta majestosa permanecia verde o ano todo, pois conservava umidade sob a sua folhagem.

Nas regiões de planalto, pediplanizadas, que não sofrem diretamente o impacto dos ventos úmidos vindos do oceano, domina a vegetação de caatinga, a floresta branca ou cinza dos indígenas, que no estio se despe completamente, dando a impressão de que está morta, mas que renasce e se cobre de folhas verdes no período chuvoso. Nesse meio, porém, algumas árvores - como o juazeiro e o

umbuzeiro - conservam a umidade em suas raízes, ao lado de cactáceas que se protegem contra a desidratação acumulando água nos seus caules. Palmeiras, como a carnaubeira e o licuri, produzem uma cera que recobre as suas folhas, e impede que a água que se acumula na época chuvosa evapore no estio.

A natureza é hostil, mas o sertanejo, com criatividade se adapta ao dia a dia e só emigra quando a seca destrói as últimas possibilidades de abastecimento e de vida. Passado o período crítico, ele volta quase sempre, ao lugar de origem. Cortado por estradas e tendo os rios domados por barragens, o sertão procura modernizar-se e diminuir o impacto das secas periódicas. As cidades crescem e o progresso chega. Mas muitas vezes a natureza resiste a inovações bruscas, criando problemas que antes não existiam.

O semi-árido, região de equilíbrio ecológico instável, necessita ser tratado com atenção e com tecnologia adequada, adaptando-se transformações necessárias à capacidade de recuperação dos recursos disponíveis.

Manuel Correia de Andrade, Recife, outubro 1991

As imagens deste ensaio, dedicado à paisagem do semi-árido nordestino, foram obtidas ao longo dos quase 20 anos em que fotografei vários aspectos desta região, seus habitantes e sua cultura..

Comecei a fotografar em 1969, inicialmente no Recôncavo baiano, e as primeiras exposições, a partir de 1971, mostraram trabalhos de mulheres que lidavam com queima de barro, farinha de mandioca, fumo, sisal e piaçava.

Em 1972, atravessei pela primeira vez o sertão, indo de Salvador a Barra, cidade do rio São Francisco que sempre me fascinou por ter sido onde se estabeleceram meus antepassados italianos em 1760. Neste regresso pude avaliar, intrigada, as dificuldades de acesso que eles enfrentaram e que, passados dois séculos, ainda eram evidentes.

Foi um encontro apaixonado com o sertão e com o rio. Senti ter cumprido um rito de passagem. Desde então fiz 19 viagens, percorri cerca de 30.000 km e revelei incontáveis filmes de 35mm. As fotografias aconteceram como anotações de viagem, sem projeto definido. Os espaços se ampliaram e os temas foram se consolidando à medida que exposições eram montadas.

Até 1976, fotografei, basicamente em preto e branco, paisagens, vegetação - particularmente a caatinga - cidades, praças e ruas, trabalhos de homens e mulheres, retratos, feiras, romarias. Naquele ano, iniciei o registro das fachadas coloridas, milagres de invenção, patrimônio cultural riquíssimo do povo sertanejo, trabalho que ganhou autonomia face aos demais temas, e foi editado no livro Pinturas e Platibandas, em 1987.

Agora, neste ensaio, estão serras, vales, brejos, areias, lajedos, caatingas, moradas, vaqueiros, plantações, cabras, chuvas, estios, floradas, céus, nuvens, manhãs, meios-do-dia e os extraordinários crepúsculos do sertão.

Como pano de fundo, as pulsações de Euclides e Suassuna.

Procurei realizar um canto à beleza da região à qual devo, além de minhas raízes, grandes momentos de inspiração e contentamento.

Dedicado à paisagem, este trabalho quer também homenagear o sertanejo, presente nas terras cultivadas, casas, cercas e caminhos.

Agradeço a:

Grupo J. Macêdo, a confiança e o interesse em patrocinar o trabalho.

Antonio Rocha Magalhães, o apoio inicial ao projeto.

Violeta Arraes Gervaiseau, a amizade encorajadora e a viagem ao sertão dos Inhamuns.

Gabriel Zellmeister, muito mais que a diagramação, o incentivo e participação na edição.

Equipe W/Brasil, a colaboração atenta.

Vicky Shorr, a companhia em três viagens assombrosas.

Renina Katz, a presença na seleção fotográfica.

Valeria Zellmeister e Maria Clara Mariani, a retaguarda em todos os momentos.

Arnaldo Antunes e Raymond Rebetez, as ajudas diversas e essenciais e

aos filhos, Daniela, Filipe, Gisela, Mariana, o estímulo e o apoio afetivo.

Anna Mariani, São Paulo, outubro 1991

English Version

The crude light of the long days flames over the motionless earth without bringing it the least animation. The quartz veins on the limestone hills scattered in disorderly fashion over the desert give off a gleam of banquises; *and from the dried bough tips of the numbed trees hang whitish tillandsia, like melting snowflakes, giving to the picture the aspects of a glacial landscape, with a vegetation hibernating in the icy wastes.*

* * *

But at the end of any afternoon in March, swift-passing afternoons, without twilights, soon drowned in night, the starts may be seen for the first time, sparkling brilliantly.

Voluminous clouds wall off the far horizon, scalloping and embossing it with the imposing outlines of black-looming mountains. The clouds rise slowly and slowly puff out into great dark masses high above, while down below on the plains the winds are raging tumultuously, shaking and twisting the branches of the trees.

Clouded over in a few minutes' time, the sky is shot with sudden lightning flashes, one after another, which go to deepen the impression of black tempest. Mighty thunderclaps resound, and great rains begin to fall at intervals over the earth, turning then into a veritable cloudburst.

* * *

Upon returning from his stroll, the astonished traveler no longer sees the desert.

Over the ground, carpeted with amaryllis, he beholds instead the triumphant resurgence of the tropical flora.

It is complete change of scene.

Euclides da Cunha, Os Sertões

There come then matchless mornings, as the radiating glow from the east once more tinges the erythrinas with purple and wreathes with violet the bark of the umburanas, setting off to better advantage the multicolored festoons of the bignonias. The air is animated by the palpitation of swift, rustling wings. The notes of strange trumpets strike our ears. In a tumult of flight, this way and that, flocks of beautiful homeward-bound pigeons pass overhead, and one can hear the noisy, turbulent throngs of maritacas. Meanwhile, the happy countryman, forgetful of former woes, makes his way down the trails, driving a full-bellied herd and humming his favorite air.

And so the days go by. One, two, six fortunate months, blessed by the earth's abundance, elapse, until silently, imperceptibly, with an accursed rhythm, the leaves and flowers gradually begin to fall, and the drought once more descends on the dead boughs of the shorn trees.

Euclides da Cunha, Os Sertões

He who judges, like Heraclitus, that this world is struggle and change, must surely know that a breeze never blows twice on the same plant. On we dream, nonetheless, of promises of peace and quiet. And this is what these pictures give us. There exists a world of eternal rebirth, where the whispering of the earth and its vegetation recedes into a strong background of silence.

The profusion, the tones of color, in these scenes, the thousand faces changing between the rain and drought, the strange marriage of greens between heaven and earth, the suggestion of its own contained movements make the eye awaken from the apathy where the surprises of the dry landscape have mostly been confined. It is these colors that redeem the innermost dimensions of things. They fall so that the lines of the horizon never enclose a "separate world", and therefore they reach us directly, telling us of our bloodlines and our folly.

Sweeping over the dry, insular scenes of the arid interior, these tones make the blend of stones with soil or of greenery with twilight a spectacle filled with grace and the voluble play of forms, prime qualities when one is capturing a world of continuous rebirth. They are compositions of tones that the sun and time engender upon the background of quietude.

It all flows by as if this river of changes were suspended in that very instant when camera and light talk. And we sense that these moments do not spring from a poem about that which is rare, nor from an intention merely to depict differences. *Here there are no rhetorical presumptions. There is simply a rejection of habitual angles, and a patient submission to the music of the tones of color of these semi-arid regions.*

We feel that this is so, that everything is born from a dialogue without words, where this wilderness within a wilderness gives itself fearlessly, and where Anna Mariani has managed to depict the undying dignity of light and the photographer's gesture that makes of itself both support and passage.

Antonio Medina Rodrigues, São Paulo, October 1991

The northeastern "sertão" or semi-arid wilderness of Brazil, a significant portion of the country's territory where the climate is predominantly dry and hot, is often visualized by those who do not know it as an area permanently suffering from drought, inhabited by a destitute population forever needing help in order to survive. This image is valid, but only during long periods of drought, which usually occur every ten years or so and may sometimes last for the next two or three years.

To understand the sertão it is necessary to bear two things in mind: the first is that it is not uniform, and contains a large variety of climates and soils, which determines the existence of a series of sub-regions, where the forms of using and exploiting the land are different, along with consequent human problems; the second aspect are the seasonal variations which are marked by periods of drought and of rains.

As concerns the first aspect, Euclides da Cunha, with his inquietude and talent, pointed out in Os Sertões, *the existence of many sertões and not just one sertão. There is a great difference in appearance between the mountain areas, the plains, those crossed by perennial rivers, - such as the São Francisco, some of its tributaries, and the Parnaiba - and those crossed by temporary rivers, which in the dry season become transformed into sandy roadways in the leafless wilderness. The rivers are the fountain of life and permit the existence of lowland farming along their courses as the waters drop with the drought.*

The mountains exposed to the trade-winds blowing from the Atlantic and carrying humidity, receive the benefit of dew and orographic rains which permit the development of a forest vegetation very similar to that on the Atlantic seaboard and to the Amazon forest. Before man came along to mercilessly devastate these majestic forests, they remained green throughout the year, as they preserved humidity under their leaf cover.

In the plains region, where the flat lands are not directly affected by the damp winds blowing off the ocean, scrub vegetation or "caatinga", (the white or grey forest of the indians) predominates, which in dry weather denudes itself completely, giving one the impression that the plants are all dead, but which spring back to life and luxuriant verdure in the rainy season.

In this environment, however, some trees - such as the juazeiro and the umbuzeiro - store moisture in their roots, along with the cactaceae which protect temselves from dehydration accumalating water in their caulis. Palm trees such as the carnauba and the licuri, produce a wax which covers their leaves, preventing the water stored during the rains from evaporating during the dry season.

It is a hostile nature, but the sertão dweller uses creativity to adapt from one day to the next, and only leaves the region when drought destroys the last possibility of sustaining life. Once the critical period is past, he almost always returns to his original place. Now that it is being crossed by highways and the rivers tamed by dams, the sertão is trying to become modernized and reduce the impact of periodical droughts. Cities appear and progress arrives. But many times nature rebels against rapid innovations, creating problems which had not existed before.

The semi-arid region is one with an unstable ecological balance which needs to be treated with attention and suitable technology, and by adapting necessary changes to the capacity for recuperation of the available resources.

Manuel Correia de Andrade, Recife, October 1991

The pictures in this photographic essay, dedicated to the landscape in the Northeastern semi-arid region of Brazil, have been collected over a period of almost 20 years in which I photographed many aspects of this area, its inhabitants and its culture.

I began to take photographs in 1969, initially in the Reconcavo Baiano, (an exceptionally fertile region on the coast of the state of Bahia), and my first exhibitions, from 1971 onwards, showed the labours of women working with pottery, manioc flour, tobacco, sisal and piassava fibres.

In 1972, I crossed for the first time the sertão, on my way from Salvador to Barra, a city on the São Francisco River that had always attracted me as it was there that my Italian forefathers settled in 1760. During this visit I was able to evaluate with great interest the travelling difficulties that they must have been faced with and which, two centuries later, were still in evidence.

It was an ardent encounter with the sertão and with the river. I felt that I had performed a ritual voyage. Since then I have made 19 trips, covered roughly 30,000 km and taken countless 35 mm pictures. The photos just happened as records of these trips, with no specific design. Spaces opened up and the themes began to take shape as the exhibitions were set up.

Up until 1976 I photographed, mostly in black-and-white, scenery, vegetation - especially the caatinga, or wilderness - cities, city squares and streets, the labours of men and women, pictures, fairs and pilgrimages. During this year I began to record the coloured facades of houses, miracles of invention, and a priceless cultural asset of the people of the sertão. This work gained preference over the other themes, and was published in the book Pinturas e Platibandas in 1987.

Now, in this essay, there are mountains, valleys, swamps, sandy wastes, creeks, wilderness, houses, cowboys, crops, goats, rains, droughts, blossoms, skies, clouds, mornings, middays and the extraordinary sunsets of the sertão.

As a backdrop the pulsing influences of Euclides da Cunha and Ariano Suassuna.

I have tried to compose a song to the beauty of the region which has given to me, in addition to my roots, great moments of inspiration and contentment.

Although dedicated to the scenery, this work also pays homage to the sertanejo or inhabitant of the sertão, always present in his cultivated fields, houses, fences and paths.

My thanks to:

Grupo J. Macêdo, for their confidence and interest in sponsoring this work;

Antonio Rocha Magalhães, for the initial support of the project;

Violeta Arraes Gervaiseau, for her encouraging friendship and the trip to the sertão of the Inhamuns;

Gabriel Zellmeister, far more than the design, for his encouragement and participation in the publication;

the W/Brasil team, for their close participation;

Vicky Shorr, for her company on three daunting trips;

Renina Katz, for her presence in the selection of photographs;

Valeria Zellmeister and Maria Clara Mariani, for their support at all times;

Arnaldo Antunes and Raymond Rebetez, for their frequent and essential assistance;

my son Filipe and daughters Daniela, Gisela, Mariana, for their affectionate encouragement and support.

Anna Mariani, São Paulo, October 1991